

RESSIGNIFICAÇÕES DA SEXUALIDADE NA PRODUÇÃO DE PORNOGRAFIAS FEMINISTAS

Liliana Rocha Fernandes
Mestranda no Programa de Pós-graduação em Comunicação e Territorialidades
Universidade Federal do Espírito Santos - UFES
E-mail: lilianarochafernandes@gmail.com

Orientador: Prof. Dr. Erly Milton Vieira Jr.
Universidade Federal do Espírito Santo - UFES
E-mail: erlyvieirajr@hotmail.com

RESUMO

O presente trabalho demonstra o andamento da dissertação de mestrado, com o mesmo título, por meio do qual se analisará aspectos da sexualidade feminina representadas em obras de pornografia feminista. Também se abordam as discussões teóricas travadas entre feministas que defendem a censura da pornografia e as feministas alinhadas com o movimento pró-sexo, movimento ao qual essa pesquisa se alinha. Além disso, os filmes a serem analisados na dissertação serão brevemente expostos neste *paper*.

Palavras-chave: Pornografia. Feminismo. Sexualidade.

INTRODUÇÃO

A partir, aproximadamente, do início do século XX, proliferam-se os discursos sobre o corpo nas Humanidades, superando a ideia utilitarista e adjunta que se fazia dele, visto como “pedaço de carne” submisso aos desígnios da mente racional e da “alma”, como menciona Courtine (2013). Esse era o pensamento, em suma, que se fazia presente no *zeitgeist* do fim da Idade Moderna. A contribuição dos trabalhos do filósofo francês Michel Foucault foi fundamental para que se inaugurasse a “invenção teórica” do corpo, que o politiza e o compreende como construção social, ou seja, como um processo histórico resultante do atravessamento de discursos sobre ele (Courtine, 2013).

Parte dos Estudos Feministas se aproximam das ideias de Michel Foucault, e as aprimoram, pois um dos mais notáveis esforços empreendidos pela teoria feminista é justamente

desconstruir discursos dominantes sobre o corpo, sexualidade e identidade femininas. Há um consenso universal no comprometimento do movimento feminista “com a superação da opressão com base em classe, raça, etnia, orientação sexual e habilidade, bem como gênero.” (MCLAREN, 2016, p. 33). Sobre a aproximação dos Feminismos e Foucault, afirma McLaren

(2016),

há paralelos entre ele e o feminismo na questão do corpo: ambos rejeitam o dualismo mente/corpo, ambos veem o corpo como um local de luta política, e ambos têm o corpo como central para a subjetividade e ação (McLaren, 2016, p. 110).

Já a concepção de pornografia é forjada em um nebuloso terreno de disputas discursivas, pois perpassa por noções de moralidade, erotismo, liberdade sexual, educação sexual, exploração trabalhista de atrizes e atores da indústria pornô, corrupção de menores, objetificação da mulher e empoderamento feminino. Há um amplo espectro de análise que entrelaça a sexualidade feminina (sob a ótica feminista) e a pornografia.

Essa pesquisa se concentra no estudo da produção audiovisual pornográfica feita por mulheres, cunhada de feminista, movimento que despontou nas últimas décadas em reação à pornografia tradicional (ou *mainstream*), a qual é controlada, produzida e consumida majoritariamente pelos homens e apresenta características sexistas, misóginas e que objetificam a mulher.

Analisar-se-ão as desterritorializações, ou, sinonimamente, ressignificações da sexualidade que se apresentam a partir deste tipo de produção dissidente de pornografia. O *corpus* da pesquisa constitui-se nas seguintes obras: *Skin* (2009) de Elin Magnusson, *Gender Bender* (2018) dirigido por Erika Lust e *Landlocked* (2017), produção das brasileiras Lívia Cheibub e Angélica Amalin Abe.

DESENVOLVIMENTO

A objetificação da mulher se apresenta largamente na estética da pornografia *mainstream*. As figuras a seguir (capas de DVD de produtoras pornô) revelam rostos femininos sorridentes, supostamente deleitosos, e suas entranhas expostas, em cenas em que as mulheres representam estar sentindo absoluto prazer e felicidade. Nota-se que os corpos e rostos masculinos não são enquadrados em nenhuma foto.



Figura 1 - Capa DVD *Mete Aqui* (2008) Fonte: Brasileirinhas, *Mete Aqui*, (2008)

Figura 2: Capa DVD *Starlets of The Year* (2014) Fonte: Devil Film's - *Starlets of The Year* (2014)

As imagens acima, como as demais produções da indústria do sexo tradicional, objetificam a mulher, mercantilizam-a e oferecem incontáveis possibilidades do uso apropriado (no sentido de propriedade) do seu corpo. É o espetáculo erótico da cultura falocrática, no qual reinam a passividade da mulher e a preponderância do olhar masculino.

Numa pesquisa realizada pelo site *onlineschools.org* no ano de 2010, a lucrativa e gigantesca indústria pornográfica representava, naquele ano, 12% de todos os websites da internet. A pornografia na internet movimentava quase 5 bilhões de dólares anuais. Paralelamente, o consumo de pornografia por mulheres vem recrudescendo. Na pesquisa do ano de 2017, também feita pela plataforma Pornhub, verificou-se que o termo mais buscado foi “pornô para mulheres”, significando um crescimento de 1400%, porcentagem jamais vista no canal. Essa tendência se mostrou palpável tendo em vista também o crescimento gradual da porcentagem de mulheres que acessam a plataforma. Em 2017, representava 26%, em 2018, 29% e em 2019 as visitas femininas no website representam 32% do público total. Ressalte-se que o Brasil e as Filipinas são os países que possuem a maior proporção de mulheres frequentando a plataforma, que constituem 39% do público total.

Segundo Atwood (2018), concomitantemente ao aumento da presença de mulheres como consumidoras de pornô, elas também passaram a produzir conteúdo pornográfico “femalefriendly” e de estética feminista, inicialmente nos EUA, Austrália e Europa. Já em meados dos anos 90, o surgimento de sites pornográficos pertencentes a mulheres e com conteúdo voltado às mulheres se mostrou como uma tendência significativa e emergente da indústria pornô. Desde então, “inúmeras cineastas se reconhecem feministas, ou reconhecem o seu trabalho como feministas, como Shine Louise Houston e Madison Young, nos EUA;

Ms Naughty na Austrália; e Erika Lust, Anna Span, Petra Joy e Mia Engberg na Europa” (ATWOOD, 2018, p. 54-55).

De acordo com Baltar (2019), o fenômeno “parece ter alcançado maior visibilidade pós anos 2000, impulsionada sobretudo a partir da circulação das imagens pornográficas na internet (a chamada netporn)” (BALSTAR, 2019, p. 3). De fato, a emergência de pornografias dissidentes, especialmente as pornografias feministas, convive, num critério temporal, com a revolução digital e com o fenômeno de midiaticização da sociedade. Há uma crescente exposição, nos meios de comunicação, das reivindicações das mulheres em relação ao seu prazer sexual, fomentada pela insatisfação com parceiros, pelo desconhecimento, grosso modo, do funcionamento da anatomia e desejos femininos.

A respeito do objeto da pesquisa, os três filmes a serem analisados foram dirigidos por mulheres que disseram, a despeito de sua produção, estar comprometidas em representar discursos feministas e dissidentes da sexualidade. A primeira obra vem da coleção de treze curtas-metragens da produção sueca *Dirty Diaries* (2009), organizada por Mia Engberg. Analisar-se-á o primeiro filme da coleção, *Skin* (2006), dirigido por Elin Magnusson. O filme traz duas figuras, uma masculina e outra feminina, vestidas com meias de náilon de corpo inteiro, acariciando e se beijando intimamente. Em seguida, as duas figuras começam a cortar o nylon com uma tesoura para revelar a pele nua por baixo, e se envolvem em sexo oral e penetração.

Figura 3: Corpos envoltos em malha



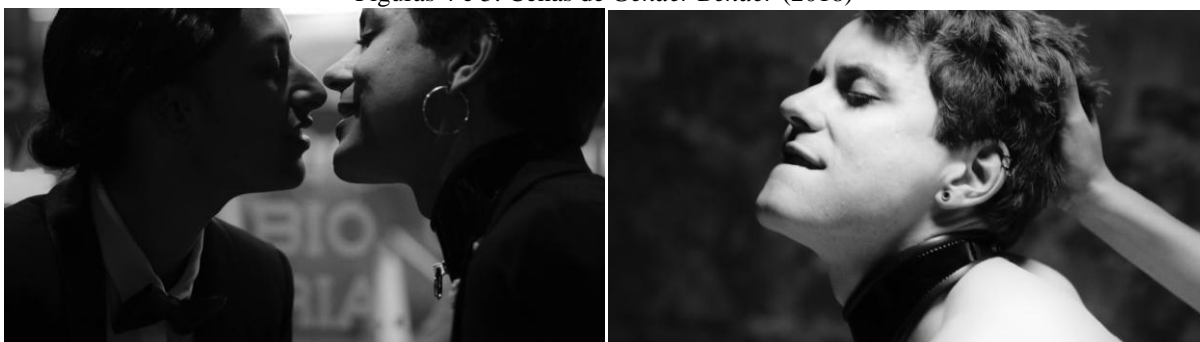
Fonte: *Skin* (2009)

A segunda fonte trata-se do filme *Gender Bender* (2018), da cineasta sueca Erika Lust, que é um dos nomes mais famosos, atualmente, na produção audiovisual voltada para a mulher.

Erika Lust se apresenta como “produtora de cinema adulto ético e que desafia a pornografia convencional em massa (tradução livre).”

Gender Bender retrata a fantasia sexual de uma mulher que gostaria de ter as identidades de gênero trocadas. O filme, baseado na fantasia de “iaimtoshine” (codinome escolhido pela usuária), mostra um casal que passeia pela cidade, ela, vestida de forma masculinizada e o parceiro com acessórios femininos. Em seguida, as cenas trabalham com inversão de gêneros nos papéis sexuais.

Figuras 4 e 5: Cenas de *Gender Bender* (2018)



Fonte: *Gender Bender* (2018)

A terceira produção analisada é um filme independente da diretora Livia Cheibub e a produtora Angélica Amalin Abe, ambas brasileiras e donas da produtora *Wild Galaxies*, sediada em Nova Iorque, desde 2016. Trata-se da obra *Landlocked* (2017). O filme, ambientado em Berlim, narra a trajetória de Joana, recém-chegada à cidade que, ao conhecer Thomas, experimenta um rápido e apaixonado envolvimento sexual entrecortado por situações de inseguranças de Thomas.

Figuras: 6 e 7: Cenas de *Landlocked* (2017)



Fonte: *Landlocked* (2017)

RESULTADOS

Em numa análise prefacial, os três filmes apresentam ações disruptivas à pornografia hegemônica, tais como: a penetração não é o ato central e imperativo dos filmes. Há uma preocupação na exploração das carícias, beijos, “apertos” na pele, atenção ao clitóris, sexo oral, penetração com os dedos, ou seja, outras encenações sexuais que desbancam o falocentrismo da pornografia tradicional. A ejaculação masculina, da mesma forma, não é mostrada como “ápice” de alguns filmes, ou sequer é exibida. Aliás, não existe a obrigatoriedade do gozo, de qualquer parceiro.

O enquadramento não se dá exaustivamente em partes específicas do corpo da mulher ou em suas expressões de prazer (típico das cenas do pornô mainstream que a objetificam, segurando-as em cena, à mercê do olhar masculino que irá lhe dizer como se comportar). Exemplo disso são as cenas que vagueiam repetidamente entre um *close-up* da bunda da mulher para um do seu rosto, que geme (grita?) forçadamente de ‘prazer’.

Nos filmes escolhidos, as câmeras passeiam pelo envolvimento dos parceiros e pelos seus corpos em união. Corpos esses que não correspondem exatamente aos corpos padronizados da pornografia *mainstream*. Obviamente, tais características não se aplicam uniformemente aos três filmes, e cada um deles revelará uma resposta diferente ao que se persegue nessa pesquisa. As práticas sexuais estão visceralmente ligadas ao manejo do corpo, - entendido como local de inscrição de códigos simbólicos. Bordo (1997) entende que o corpo é um agente de cultura, uma forma simbólica na qual normas centrais, hierarquias e pensamentos estruturantes de uma cultura são inscritos e reforçados por meio da linguagem corporal. Ela afirma que “o corpo não é apenas um *texto* da cultura. É também, como sustentam o antropólogo Pierre Bourdieu e o filósofo Michel Foucault, entre outros, um lugar *prático* direto de controle social.” (BORDO, 1997, p. 19).

O corpo, portador de discursos simbólicos, é reconhecido por teóricas feministas como um local de luta política: “Questões reprodutivas, questões de violência contra a mulher, estupro, sexualidade, normas de gênero e ideais de beleza intensificam a importância do corpo para as lutas feministas práticas e políticas” (MCLAREN, 2016, p. 122). O corpo da mulher, historicamente, é explorado pela sua capacidade reprodutiva, inscrita, portanto, nas normas de sexualidade, desde o desenvolvimento da agricultura no Período Neolítico, uma vez que

“sociedades com mais mulheres poderiam produzir mais filhos” (LERNER, 2019, p. 261), mais força produtiva e conseqüentemente gerar mais riqueza.

Destituídas, milenarmente, do domínio dos próprios corpos, de educação que pudesse auxiliar na formação de pensamento crítico, da capacidade de percepção da subordinação a que eram submetidas, as mulheres vivenciaram a história do mundo sendo escrita e contada pelos homens, bem como a quase totalidade das produções culturais sendo produzidas pelo olhar masculino. Isso até o início do trabalho precioso de mulheres heroínas, feministas, que, desde a primeira onda, passaram a lutar por direitos primários, galgados até o patamar que aqui nos interessa: da apropriação de sua sexualidade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A despeito do discurso anti-pornografia ser defendido por muitas teóricas feministas, entendese que ele é calcado, muitas vezes, na falaciosa suposição de que as desigualdades entre gênero se originam da indústria do sexo. Ora, a própria indústria do sexo faz parte de uma sociedade sexista e reflete os desequilíbrios de gênero existentes na cultura e na sociedade (RUBIN, 2017).

Os discursos que circulam no cinema, na música, na arte, nos elementos da indústria cultural, de maneira geral, reproduzem lutas reais dentro da cultura e sociedade contemporâneas. A cultura, ou cultura da mídia como prefere nomear Kellner (2001), é uma “arena de lutas sociais”, reproduz discursos políticos conflitantes e põe em cena as lutas concretas de toda sociedade, não apenas por meio dos noticiários, mas também através do entretenimento e da ficção.

A sociedade atual, caleidoscópica, não pode ser analisada como um campo descolado, determinante ou determinado em relação à produção cultural. As formas culturais explicitam como os instrumentos de dominação funcionam para se manter no poder, mas também demonstram como são oferecidos recursos para resistência e mudança.

Divorciando-se do feminismo anti-pornográfico e pró-censura, o movimento de pornografia feminista alinha-se com o feminismo pró-sexo e também com o recém-nomeado feminismo de quarta geração, ou quarta onda, que tem raízes na revolução tecnológica e amplificação do uso das redes sociais. Manifestações virtuais como *Ni Una Menos*, *Meu Amigo Secreto*, *Meu Primeiro Assédio*, *Me Too* e *Yes All Women*, exemplificam a essência do movimento de quarta onda, defenestrando incontáveis casos de assédio sexual, estupros, além de

discriminação no trabalho por motivos sexistas. Paralelamente e consequentemente à exposição da violência a que se submetem as mulheres, eleva-se um coral de vozes que lutam pela emancipação de seus corpos e de sua sexualidade. Desse contexto surgem as produções de pornografia dissidentes, e, em especial, as pornografias feministas.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ATTWOOD, Feona. **Conclusion: Toward the study of online porn cultures and practices.** 2010 apud HARRISON, Katherine (Ed.). **Pornographies: Critical Positions.** University of Chester, 2018.

BALTAR, Mariana. **Pornografia sf [substantivo feminino]:** coisa de mulher, para mulher. Pornography sf: from women, to women. Compós, 2019.

COURTINE, Jean-Jacques. **Decifrar o corpo: pensar com Foucault.** Editora Vozes Limitada, 2013.

Dirty Diaries. **Wikipédia.** Disponível em <https://en.wikipedia.org/wiki/Dirty_Diaries>. Acesso em 01/02/2020.

Gender Bender. **Xconfessions.** Disponível em <<https://xconfessions.com/confessions/genderbender>>. Acesso em 25/01/2020.

JAGGAR, Alison M.; BORDO, Susan R.; DE FREITAS, Britta Lemos. **Gênero, corpo, conhecimento.** Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 1997.

KELLNER, Douglas. **A cultura da mídia: Estudos Culturais: identidade e política entre o moderno e o pós-moderno.** Bauru, SP: EDUSC, 2001.

LERNER, Gerda. **A criação do patriarcado.** São Paulo: Cultrix, 2019

MAGNUSSON, Elin. **Skin.** Elinmagnusson. 2009. Disponível em <<http://www.elinmagnusson.com/skin/>>. Acesso em 25/01/2020.

MCLAREN, Margaret A. **Foucault, Feminismo e Subjetividade.** Intermeios, 2016 (Coleção Entregêneros).

RUBIN, Gayle. **Políticas do sexo.** Ubu Editora, 2017.

SILVA, Jacilene Maria. **Feminismo na atualidade: a formação da quarta onda.** Recife, 2019